

MISSÕES JESUÍTICAS-GUARANIS: UMA FRONTEIRA PARTILHADA ENTRE BRASIL, ARGENTINA E PARAGUAI

Luiz Felipe Sausen de Freitas

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria

felipe_sausen@yahoo.com.br

Iolanda Lopes de Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria

iolanda.loopes@hotmail.com

Vera Maria Favila Miorin

Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

vmiorin.sma@terra.com.br

Resumo

O presente trabalho tem por intuito verificar as relações fronteiriças inseridas no contexto das Missões Jesuítico-Guaranis, as quais se estabeleceram em uma grande área, atualmente dominada por Brasil, Argentina e Paraguai. Com isso, pretende-se analisar a formação histórica do território em questão, além de se verificar a questão missioneira atual, suas relações, as rotas turísticas internacionais e os laços de pertencimento de uma possível identidade missioneira.

Palavras-Chave: Missões; Fronteira; Identidade.

Resumen

El trabajo a seguir tiene la finalidad de investigar las relaciones fronterizas presentes en las Misiones Jesuítico-Guaraní, las cuales se establecieron en un gran área, actualmente dominada por Brasil, Argentina y Paraguay. Desta forma, se pretende analizar la formación histórica del territorio en cuestión, así como establecer la cuestión misionera actual, sus relaciones, los caminos turísticos internacionales y los lazos que pertenecen a una posible identidad misionera.

Palabras-Clave: Misiones; Frontera; Identidad.

Objetivos

O objetivo central da pesquisa é verificar as inter-relações fronteiriças no contexto missioneiro, o qual abarca uma história de mais de trezentos anos, a qual muitas vezes tem uma análise fragmentada devido ao fato de ter sido vivida por distintas nações. Porém do período histórico restaram ruínas de algumas reduções missionieras, as quais acabam (re) conectando estas áreas. Nesse sentido, pretendemos analisar o apego missioneiro e o papel da fronteira e dos remanescentes nesse processo.

Método

Para se chegar aos objetivos propostos, faremos uma revisão bibliográfica profunda, a fim de entendermos todo processo histórico que deu origem a região que se pretende analisar. Além disso, faremos uma análise descritiva de todo processo, a fim de responder as indagações propostas no estudo.

A Importância das Missões na Formação das Fronteiras Atuais.

Inicialmente, é de grande relevância analisar o contexto ibérico no que condiz as disputas territoriais do período colonial, onde Portugal e Espanha disputavam palmo a palmo os domínios sul-americanos, em especial a região platina, a qual se viu envolvida em intensas disputas. Não somente portugueses e espanhóis estiveram inseridos nesse contexto, mas também outros elementos importantes, tais como os nativos que anteriormente já ocupavam a área, além dos padres da Companhia de Jesus, os quais, com a clara intenção de expansão da fé cristã no novo mundo, formaram com os índios, em especial, os da tribo guarani, uma sociedade altamente desenvolvida para o período, que também acabou se inserindo nas disputas coloniais entre as coroas ibéricas.

As intensas buscas por novas terras e a conseqüente concorrência das potências ibéricas levaram aos Tratados que se assinavam na Metrópole e que interferiam cotidianamente as fronteiras platinas. Em 1492 foi assinada a Bula Inter Coetera, pelo papa Alexandre VI, a qual descontentou Portugal, pois pela proposta os lusitanos não tinham acesso à porção continental da América do Sul, como nos informa Belloto (1983). A autora afirma que o descontentamento português acabou desencadeando no Tratado de Tordesilhas, assinado no ano seguinte, o qual estendia os domínios lusitanos em 370 léguas para oeste, fazendo com que os mesmos tivessem para si grandes porções litorâneas, no oeste da América do Sul.

O Tratado de Tordesilhas, que propunha acalmar os ânimos, acabou de certa maneira acirrando-os ainda mais, visto que nem sempre a linha imaginária proposta além-mar era respeitada. Belloto (1983) ressalta que os atritos ocorriam demasiadamente pelo fato de Tordesilhas ser uma entidade abstrata, a qual nunca foi realmente demarcada. A autora ressalta que mesmo não havendo demarcação, havia uma fronteira a se respeitar, porém tal fato nunca aconteceu, principalmente por parte de Portugal, que sempre povoou áreas fronteiriças e áreas que pertenciam à Espanha pelo acordo de Tordesilhas, baseando-se no princípio do "Uti

Possidetis”, ou seja, ocupar para possuir, não se restringindo a porção territorial ao qual estavam submetidos.

Entre 1580 e 1640, ocorreu a união das Coroas Ibéricas, acalmando os ânimos na Colônia e gerando uma série de mudanças no contexto local, conforme relata Belloto (1983). Como as disputas territoriais diminuíram significativamente devido a união ibérica, coube aos jesuítas a inserção das reduções em territórios platinos, com o intuito principal de reduzir os autóctones a fé cristã. As reduções ocuparam extensos territórios, ocupando especialmente a chamada “Mesopotâmia” composta pelos rios Uruguai e Paraná. A primeira redução fundada foi Loreto, em 1610, que logo ficou superpovoada, surgindo assim a segunda redução, San Ignacio Mini, que abrigou os excedentes populacionais da primeira, conforme enfatiza Lugon (2010). Os grupos nativos eram muitas vezes vistos pela coroa espanhola como um empecilho ao avanço territorial, porém o grande contingente populacional indígena era também uma ameaça para seus avanços. Os jesuítas possuíam ligação com a coroa espanhola, porém agiam com certa autonomia em suas reduções. Vendo que não podiam dominar a grande massa guarani pela força, os espanhóis unem o útil ao agradável e tornam as missões, também, uma estratégia nas disputas territoriais contra os portugueses. Décio Freitas explica a situação nas seguintes palavras:

A estratégia de redução dos guaranis a fé cristã se deu principalmente por questões estratégicas de ocupação, visto que a Espanha precisava ocupar com urgência os extensos territórios demarcados pelo Tratado de Tordesilhas, para defender as grandes riquezas oriundas das minas de Potosí, do avanço português sobre o território. Porém a coroa espanhola não possuía recursos militares e nem contingente populacional suficiente para dominar a grande massa de índios guaranis presente nessas áreas. Com isso, a coroa espanhola chegou ao entendimento de que os guaranis só poderiam ser submetidos pelos ensinamentos do evangelho (FREITAS, 1998, p.27).

O período de paz entre as duas coroas perdurou por alguns anos, mesmo depois do fim da união ibérica, porém as disputas voltaram a se intensificar com a construção por parte de Portugal, da Colônia do Sacramento em 1680, conforme enfatiza Santo (2006). Portugal dessa forma, não obedecia ao Tratado de Tordesilhas, pois a Colônia, localizada na margem esquerda do rio da Prata, de frente para Buenos Aires, estava em território espanhol. A fortificação portuguesa trouxe grandes entraves aos espanhóis, que viam seus rivais concorrerem diretamente no controle de tudo que escoava pela bacia platina, mesmo que na forma de contrabando. Os espanhóis tomaram algumas vezes a Colônia, depois de

renhidas batalhas, porém normalmente a mesma voltava as mãos portuguesas com acordos que se davam na Metrópole e que envolviam terceiros como a Inglaterra, que tinha total interesse na exploração comercial de tudo que desembocava no Prata.

Os padres da Companhia de Jesus adentraram no Rio Grande do Sul em 1626, e fundaram inicialmente a redução de São Nicolau do Piratini, conforme relata Quevedo (2006). Muitas outras reduções foram fundadas no atual território do Rio Grande do Sul, as quais ficaram conhecidas como Reduções do Tape, que tiveram curto período de duração, pois as mesmas logo foram devastadas por invasões bandeirantes, que buscavam índios para usa-los como mão de obra nos engenhos paulistas, praticamente de forma escrava. Logo os povoados missioneiros foram abandonados e os índios transmigraram para a margem direita do rio Uruguai. Tal período ficou conhecido como a primeira fase missioneira no Rio Grande do Sul, sendo a segunda fase, aquela marcada pela fixação dos chamados “sete povos”, se fixando novamente na margem esquerda do Uruguai, na verdade uma bela resposta a Colônia de Sacramento.

Segundo Santo (2006) os espanhóis juntamente com a Companhia de Jesus, se viram obrigados a se estabelecer novamente nas margens orientais do rio Uruguai, com o intuito principal, de se contraporem ao avanço lusitano, que se tornava, cada vez mais, uma ameaça. O marco inicial da volta das Missões para o atual Rio Grande de Sul foi a fundação da Redução de São Francisco de Borja em 1682, quarenta anos após o término do primeiro período, causado pelas incursões bandeirantes. Percebe-se assim, conforme Reichel (1995) que a região platina esteve sempre envolvida em várias fronteiras político-administrativas, devido as constantes disputas ibéricas que alteravam cotidianamente a zona fronteira conforme seus interesses. A autora comenta também, que a fronteira no contexto analisado, ganha significativa importância, sendo a mesma, experimentada em dois sentidos, sendo uma linha que une e ao mesmo tempo uma linha que separa.

A importância missioneira na estratégia de disputas territoriais foi imensa, pois segundo Quevedo (2006) cabia aos guaranis das reduções o papel de defender as fronteiras espanholas e ainda se possível avançar-las cada vez mais, interiorizando cada vez mais, os domínios espanhóis. Com isso, as Missões se estabeleceram estrategicamente nas linhas fronteiriças dos Impérios Coloniais Ibéricos na América, respondendo assim, aos constantes avanços pelo território, que se davam pelos

portugueses. O espaço ocupado pelos povos missioneiros por seu contexto fronteiriço variava bastante, ora diminuindo, ora se expandindo ainda mais.

O entendimento entre a Companhia de Jesus com o interesse expansionista espanhol dava-se também pelo fato de o guarani ter o luso-brasileiro como grande inimigo, principalmente após as invasões bandeirantes nos antigos povoados. A causa comum entre as partes constituintes tornava a terra espanhola, sendo os índios, fiéis defensores de tais domínios. A fidelidade a qual se verifica, por parte dos guaranis com relação aos espanhóis, não ficou restrita a defesa do território missioneiro, mas também as disputas pela Colônia do Sacramento. Também é relevante, o apoio guarani na construção de Montevideo, onde grande contingente indígena auxiliou a construção da fortificação que fixava os espanhóis na margem esquerda do Prata, respondendo ao avanço luso, que já ocupava uma extensa área litorânea, desde Laguna até a Colônia do Sacramento.

Quevedo (2006) afirma que a grande ameaça a estabilidade missioneira, se dava pela cada vez mais evidente fixação portuguesa na faixa litorânea do Atlântico. Primeiramente se verificou a construção da Colônia do Sacramento, a qual foi prontamente respondida com a volta das reduções a margem esquerda do rio Uruguai. Logo após se dá a fundação de Laguna pelos portugueses, fixada em localização estratégica, pois muitos afirmavam que ali cruzava a linha imaginária de Tordesilhas. Como a Espanha, se fixa em Montevideo, visando se inserir na margem esquerda do Prata, contragolpeando o domínio lusitano em tal espaço e impedindo o domínio total da faixa litorânea, os portugueses novamente respondem, com a fundação do Presídio de Rio Grande em 1737 pelo Brigadeiro Silva Pais, hoje município de Rio Grande.

O espaço missioneiro sempre rivalizou com a Colônia do Sacramento, a qual foi sempre uma pedra no sapato dos espanhóis. Tal incomodo constantemente reclamado pela Coroa Espanhola, que levou a formulação de novos tratados, visando solucionar as questões que envolviam os territórios em análise. Belloto (1983) afirma que descontentamento espanhol por conta do contrabando praticado pelos portugueses, levou a formulação de tratados na metrópole, o principal deles, o Tratado de Madri. A principal proposta do tratado era a troca entre as coroas, dos sete povos, pertencentes a Espanha, pela Colônia do Sacramento, pertencente a Portugal. A autora afirma que a Espanha não desprezava os povos orientais do rio Uruguai, porém cederam ao acordo devido aos constantes assaltos portugueses que

duravam mais de cinquenta anos com a exploração portuguesa que se dava a partir da Colônia do Sacramento.

As consequências do Tratado de Madri foram gigantescas e acabaram desencadeando a Guerra Guaranítica, que opôs os guaranis, que não aceitavam deixar seus povos para os portugueses, contra os exércitos ibéricos, que com vantagem bélica significativa, facilmente venceram os índios missioneiros. A grande guerra teve seu episódio culminante com a morte do grande líder guarani, Sepé Tiaraju. Os jesuítas foram acusados de incentivarem a rebelião indígena, e ficaram em situação complicada com o fim da guerra. Segundo Flores (1986), os jesuítas acabaram sendo expulsos das Missões, sendo os mesmos, substituídos por funcionários de outras ordens na área portuguesa, e por funcionários espanhóis na área da Espanha. Ainda como desdobramento do Tratado de Madri, em 1777 se formulou o Tratado de Santo Ildefonso, que novamente mudava as fronteiras locais, fazendo com que a Colônia do Sacramento continuasse com domínio espanhol, que também recebiam as reduções. O tratado estabeleceu os Campos Neutrais, localizados ao longo da linha de fronteira, eram considerados áreas neutras, o que acabou facilitando práticas de contrabando na área, além disso, portugueses se apossaram da área com a doação de sesmarias. Os espanhóis adotaram outras medidas nas disputas territoriais, como a fundação de cidades, onde se destaca a fundação da Vila de São Gabriel do Batovi.

A região dos “sete povos” voltaria a domínio português no episódio que ficou conhecido como “conquista das Missões”, conforme Flores (1986). Tal conquista, foi caracterizada pela ação de desbravadores portugueses, que liderados por José Borges do Canto, se aproveitaram da decadência dos povoados missioneiros para conquistar a região para Portugal. Tais aventureiros acabaram recebendo sesmarias como premiação, dando origem a Província das Missões, a qual fazia parte provisoriamente do Rio Grande de São Pedro.

A Função do Patrimônio Histórico na Perpetuação de um Passado Comum entre Argentina, Brasil e Paraguai.

A epopeica história contada no capítulo anterior legou a região uma série de remanescentes dos antigos povoados missioneiros, alguns em bons estados de conservação. Ruínas das antigas catedrais de pedra fazem alusão a história missioneira. Tais ruínas voltaram a ganhar importância a partir da década de 1980, onde algumas delas, pelo seu maior grau de conservação, foram consideradas

Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. A zona missioneira acabou sendo separada pelos desdobramentos históricos oriundos das disputas territoriais entre Portugal e Espanha, porém a história comum ligada as reduções se mantém viva independente do país que se analise, tanto Brasil, quanto Argentina e Paraguai.

Em território brasileiro, a única redução que manteve bom grau de conservação a ponto de ser tombada pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, foi São Miguel Arcanjo, que se destaca atualmente por agir de maneira simbólica junto a população local, sendo sua antiga catedral exposta costumeiramente em calendários, banners e outros meios de propaganda para divulgar o turismo regional. Com isso, a imagem das Ruínas de São Miguel acaba se tornando uma referência das Missões, sendo a primeira imagem que vem a mente da população local quando se fala em Missões.

Devido ao fato de o território missioneiro, abranger três países, alguns autores o tratam como transfronteiriço. Carneiro Filho e Santos (2012) afirmam que a área é coberta de peculiaridades que muitas vezes atrapalham uma interligação turística missioneira mais exitosa. Fatores como a condição de propostas de cada país envolvido, as diferenças linguísticas, culturais e raciais, as relações políticas entre os Estados-nação envolvidos na questão, além das disparidades econômicas entre as partes de certa maneira são entraves nesse ponto. Mesmo assim, acontecem algumas propostas conjuntas de exploração turística através de roteiros, como é o caso do Circuito Turístico Integrado Missões Jesuítico Guaranis, assinado por Brasil, Argentina e Paraguai, em 1995.

Segundo Carneiro Filho e Santos (2012) a região possui uma riqueza histórica que acaba conferindo uma identidade regional para a área transfronteiriça. Os autores afirmam que a cultura tem papel crucial nesse sentido, pois permite a cooperação nas esferas políticas e econômicas, facilitando os contatos, promovendo diversas relações entre as partes que constituem a área de fronteira, principalmente a área histórica missioneira proposta, que é considerada um dos principais corredores histórico-culturais do mundo. Mesmo com algumas propostas elaboradas, verifica-se que potencial turístico da área ainda é pouco explorado em caráter conjunto.

Sobre as ruínas da área transfronteiriça, Nogueira (2007) afirma que a presença de elementos comuns e de um longo passado compartilhado, confere singularidade ao espaço missioneiro que se analisa. A autora comenta que dos trinta

povos missioneiros, sete se encontram em bom estado de conservação, sendo considerados Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Assim como o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, já citado anteriormente, destacam-se outros quatro sítios na Argentina e mais dois no Paraguai. Na Argentina os tombamentos se verificaram em; Loreto, San Ignacio Mini, Santa Maria La Mayor e Santa Ana. Já no Paraguai, os remanescentes se preservaram em melhor estado de conservação em Trinidad e Jesus de Tavarangue.

As ruínas dos antigos povoados missioneiros acabam proporcionando uma união entre os países ou ao menos das regiões que fizeram parte de uma mesma história, mas que hoje são separadas por fronteiras internacionais. Os remanescentes atuam afirmando uma identidade missioneira na área em questão, a qual também é pontuada por símbolos históricos ligados ao período, que faz com que as populações locais, vivam coletivamente a mesma história. Portanto, a valorização do passado tornou tal área transfronteiriça como única, dotada de um significado que ultrapassa a questão fronteira, que age fortemente no local, porém não apaga marcas de um passado comum entre os povos, que cada vez mais tentam se interligar para perpetuidade histórica das Missões. O patrimônio histórico atua fortemente nesse sentido, fazendo constante alusão ao passado, o qual pode ser ressaltado cada vez mais através do turismo, que tenta ainda mais unir o passado histórico regional.

Referências bibliográficas

- BELLOTO, H.L. (1983) Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. O Espaço Missioneiro. **O Espaço Missioneiro e a Geopolítica Missioneira**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Santa Rosa. 59-76.
- CARNEIRO Filho, C.P. e SANTOS, C.R. (2012) **O turismo histórico na região transfronteiriça das Missões Jesuíticas**. Pracs: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da Unifap [Online] p.151-164. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. [acessado em 15 de janeiro de 2014].
- FLORES, M. (1986) **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre, Nova Dimensão, 160 p.
- FREITAS, D. (1998) **Missões: Crônica de um Genocídio**. Porto Alegre, Editora Movimento, 126 p.
- NOGUEIRA, C.R.D. (2007) **O turismo, o reencontro e a redescoberta da Região das Missões**. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo.
- QUEVEVO, Júlio. (2006). **História Geral do Rio Grande do Sul. Volume 1: Colônia. As Missões Jesuítico-Guaranis**. Méritos Editora, Passo Fundo. 103-133.
- REICHEL, H.J. (1995). **História Geral do Rio Grande do Sul. Volume 1: Colônia. Fronteiras do Espaço Platino**. Méritos Editora, Passo Fundo.43-64.

SANTO, M.F.E. (2006). História Geral do Rio Grande do Sul. Volume 1: Colônia. **Fundamentos da Incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao Espaço Português**. Méritos Editora, Passo Fundo. 23-41.